



## Entre exercício e acontecimento - uma leitura do folhetim *O estudante de Salamanca*

Débora Cristina Ferreira Garcia\*

**Resumo:** Observar o acontecimento possibilita à semiótica investigar a narrativa como um processo que atinge tanto o sujeito do enunciado como da enunciação do ponto de vista sensível, tornando-se uma ferramenta profícua para reflexões como a que faremos neste artigo, já que nossa intenção é a de verificar como os textos folhetinescos eram produzidos para agirem sobre os leitores do século XIX, mais especificamente, sobre os leitores da seção folhetim do jornal Correio Paulistano. Muitos estudiosos que se dedicaram ao romance-folhetim enumeram diversos procedimentos bastante comuns na produção desse tipo de texto e que apontam para uma certa eficácia do procedimento, dada sua aceitação entre o público para o qual se destinava. Fundamentados nos conceitos desenvolvidos pela semiótica tensiva, mais especificamente acerca do acontecimento e do exercício, faremos uma análise dos primeiros capítulos do folhetim *O estudante de Salamanca*, publicado no jornal acima referido no ano de 1877, com o intuito de refletirmos sobre a importância da forma de narrar que se apresenta tão ou até mais importante que a história narrada para manter a atenção desses leitores. Veremos que recursos narrativos que produzissem a surpresa e o suspense tinham impacto sobre um dado público leitor a ponto de mantê-lo preso à trama por semanas, meses e até anos a fio. Cabia ao enunciadador organizar muito bem esse jogo de revelação e de ocultação de informações para garantir a desejada fidelização dos leitores aos folhetins e, conseqüentemente, aos periódicos que os publicavam.

**Palavras-chave:** Semiótica tensiva, rotina, acontecimento, folhetim,

### Introdução

Os desdobramentos mais recentes da semiótica greimasiana, conhecida como semiótica tensiva, permitem que se avalie a significação não só do ponto de vista do sujeito que age, mas também do sujeito que sente e que é afetado pelo mundo a sua volta. Essa nova vertente tem dado grande destaque ao acontecimento, principalmente nos estudos desenvolvidos por Claude Zilberberg.

Em “Louvando o acontecimento”, o semioticista distingue o fato do acontecimento:

Este último é raro, tão raro quanto importante, pois aquele que afirma sua importância eminente do ponto de vista intensivo, afirma, de forma tácita e explícita, sua unicidade do ponto de vista extensivo, ao passo que o fato é numeroso. É como se a transição, ou seja, o ‘caminho’ que liga o fato ao acontecimento, se apresentasse como uma divisão de carga tímica (no fato) que, no acontecimento, está

concentrada. Para medir a dependência de nossos discursos em relação aos acontecimentos e fatos, basta imaginar, entrever, por um instante, a desolação, o tédio completo em que o mundo mergulharia se os acontecimentos e os fatos desertassem. (Zilberberg, 2007, p. 16)

Ao destacar essa diferença, Zilberberg (2007) coloca o acontecimento como o cerne do discurso e passa a defini-lo a partir da observação de três modos: o modo de eficiência, o modo de existência e o modo de junção.

O modo de eficiência define-se pela maneira como uma grandeza se instala num campo de presença. Se esse processo for efetuado da maneira como o sujeito esperava, tem-se o conseguir. Por outro lado, se essa inserção se dá de maneira inesperada, tem-se a modalidade do sobrevir.

O modo de existência, por sua vez, é constituído pela oposição entre apreensão e focalização. A apreensão consiste no processo em que o sujeito se vê invadido pelo objeto, em outras palavras:

\* Pós-doutoranda no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Endereço para correspondência: { debora\_cfg@hotmail.com }.

<i>Determinantes</i> ↓	<i>Determinados</i> ↓	
	Exercício	Acontecimento
Modo de eficiência	Conseguir	Sobrevir
Modo de existência	Focalização	Apreensão
Modo de junção	Implicação	Concessão

**Tabela 1:** Estrutura do acontecimento e do exercício (Zilberberg, 2007, p. 25).

[...] o estado do sujeito inicialmente espantado, impressionado, depois dali em diante, marcado pelo 'que lhe aconteceu', estado que corresponde à potencialização, à formação desse mistério: o sobrevir. Assim, a apreensão produz uma 'boa' transição entre o sobrevir e a potencialização. (Zilberberg, 2007, p. 22)

Por outro lado, a focalização configura um sujeito próximo do fazer, já que o objeto constrói-se lentamente para ele. Assim, a grandeza já é esperada pelo sujeito que recebe. Nesse caso, as relações são pressupostas tais como o esquema narrativo.

O último modo, o da junção, distingue o exercício (rotina) do acontecimento com base na oposição entre implicação e concessão. A partir desse modo, pode-se distinguir dois estilos discursivos: um que se apoia na lógica da pressuposição e o outro na do imprevisto, abaixo definidas:

No caso da implicação, o direito e o fato se respaldam mutuamente. Sua esfera é a da implicação: “*se a, então b*” e geralmente da causalidade legal. Ela tem como emblema o *porque*. No caso da concessão, o direito e o fato estão em discordância um com o outro.

Além disso, tais termos podem ser observados a partir de sua inserção no espaço tensivo que se define como “[...] representação espacial cômoda dos estados e acontecimentos que surgem no campo de presença.” (Zilberberg, 2011, p. 253). Do ponto de vista paradigmático, o espaço tensivo compreende dois eixos: o da intensidade, relacionado ao sensível; e o da extensidade, correlata do inteligível. Do ponto de vista paradigmático, o eixo da intensidade rege o da extensidade.

O eixo da intensidade é composto pelas subdimensões do andamento e da tonicidade. A primeira determina a velocidade com que o objeto adentra um campo de presença, o que permite a oposição básica: rápido x lento. Por outro lado, a tonicidade representa a força com que essa inserção é feita, opondo o termo tônico ao átono. No acontecimento, o objeto apresenta-se de

A esfera da concessão, segundo os gramáticos, é a da “causalidade inoperante”. Ela tem como emblemas a dupla formada pelo *embora* e o *entretanto*: “*embora a, entretanto não b*” (Zilberberg, 2007, p. 23).

Zilberberg (2007) afirma que o acontecimento define-se pela interseção de três modos: o sobrevir para o modo de eficiência, a apreensão para o modo de existência e a concessão para o modo de junção, e se pergunta qual seria o correlato para a integração do conseguir como modo de eficiência, da focalização para o modo de existência e da implicação para o modo de junção. O semioticista encontra três termos para definir o correlato do acontecimento – estado, funcionamento e exercício – e escolhe o último, alegando que ele está mais próximo do agir do que os outros dois.

Exercício e acontecimento correspondem a duas orientações discursivas: o discurso do exercício e o discurso do acontecimento. Zilberberg (2007) mostra que o discurso histórico está associado ao discurso do exercício, já que se interessa pela descrição dos funcionamentos, dos jogos de causas e efeitos. Por outro lado, o discurso mítico liga-se ao discurso do acontecimento, em que o raro, o inesperado torna-se fundamental. Essas duas orientações discursivas poderiam ser resumidas na Tabela 1:

forma tônica e acelerada, ou seja, o objeto sobrevém de improviso, o que explica o impacto causado no sujeito.

Quanto às subdimensões da extensidade, temos a temporalidade, caracterizada pela percepção da duração do evento e que pode ser definida a partir da oposição básica: breve x longo. Já a subdimensão da espacialidade constitui-se a partir do ponto de vista do sujeito que opõe o espaço fechado ao aberto. No acontecimento, temos um efeito de concentração já que o sujeito percebe o tempo do sobrevir como breve, “[...] esta [a temporalidade] se acha como que fulminada, aniquilada.” (Zilberberg, 2011, p. 171). Com relação à espacialidade, “a escansão do aberto e do fechado, exigida por toda circulação de valores, é virtualizada, uma vez que, ausentando-se o aberto do campo de presença, só o fechado, o ocluso, acaba se mantendo ali.” (Zilberberg, 2011, p.172).

Podemos resumir dizendo que, no acontecimento, o evento que adentra o campo de presença do sujeito com alta carga de intensidade, graças à forma abrupta e à tonicidade de seu aparecimento, faz com que as subdimensões do eixo da extensidade, do inteligível, sejam reduzidas à nulidade, diminuindo temporariamente a percepção da espacialidade e da temporalidade, o que explica o estado passivo do sujeito afetado por esse impacto perturbador.

O curso natural das coisas visa o restabelecimento do sujeito, ou seja, ele precisa fazer com que o acontecimento ganhe inteligibilidade. Para tanto, é preciso que os altos valores do eixo da intensidade diminuam e que aumentem os valores referentes ao eixo da extensidade, transformando o acontecimento em algo pertencente ao cotidiano, à rotina.

A semiótica, ao colocar o acontecimento como cerne do discurso, possibilita a investigação da narrativa como um processo que atinge tanto o sujeito do enunciado como da enunciação do ponto de vista sensível, tornando-se uma ferramenta profícua para reflexões como a que faremos neste artigo acerca de como os textos folhetinescos, dada sua produção e circulação peculiares, agiam de forma específica sobre seus leitores do século XIX, mais especificamente, sobre os leitores da seção folhetim do jornal *Correio Paulistano*.

Sabemos que o folhetim surgiu na França como uma estratégia jornalística idealizada por Émile de Girardin e seu ex-sócio Ductaq para manterem as assinaturas dos antigos leitores e, ao mesmo tempo, atraírem um novo público que se formava na Europa do século XIX. Fatores externos como o investimento na alfabetização dos europeus somados à diminuição das horas de trabalho dos operários explicam o aumento dos sujeitos leitores dos oitocentos. Outro fator importante para a disseminação da leitura é apontado pelo historiador Martyn Lyons (1999) quando sublinha o período áureo do impresso do século XIX, marcado pela atuação do livro em um mercado em que não existia a competição de outros meios de comunicação, como o rádio ou a mídia eletrônica do século XX.

Ainda que haja vários elementos externos que expliquem o sucesso alcançado pelo folhetim entre os leitores de seu país de origem e de diversos países do mundo, nosso objetivo é o de identificar quais elementos composicionais também contribuíram para a recepção positiva desse tipo de texto, mais especificamente quais estratégias eram utilizadas por seus escritores e/ou editores para afetarem os leitores da época a fim de fazê-los acompanhar tais histórias por semanas, meses e até anos a fio.

Vários estudos críticos acerca dos folhetins oitocen-

tistas mostram a utilização de diversas técnicas que contribuíram para manter a fidelidade do leitor à narrativa publicada nos rodapés dos jornais. Sabemos que esses textos extremamente voltados ao consumo de massa abusavam dos suspenses em sua produção, o que não significa que esse recurso não tenha sido nem seja utilizado como componente estético de outras narrativas<sup>1</sup>. Por essa razão a forma de narrar assume posição tão importante quanto a história narrada no processo de fidelização do leitor. As estratégias utilizadas pelo enunciatador na produção de seu texto agem sobre o leitor não só do ponto de vista cognitivo, no sentido de fazer com que ele acompanhe o desenrolar dos fatos, mas também agem sobre o sensível, despertando paixões sobre aquilo que se revela diante dos olhos daquele que lê.

Jean-Louis Bory (1966), em seu levantamento acerca das técnicas de construção dos folhetins, destaca a importância fundamental da produção de suspense gerada pela necessidade dos cortes diários dos capítulos:

O romance-folhetim é antes de tudo determinado pelas condições de sua existência: ele se destina ao mais vasto público possível, por meio da imprensa, que o publica por blocos. Eis a primeira regra do gênero: ele deve não somente admitir esses cortes, mas se alimentar deles, retirar os efeitos, uma estética – através dos elementos principais: o episódio e a série (...). É preciso que o episódio publicado seja não somente um todo – que satisfaça uma certa expectativa do leitor – mas que renove essa espera, crie o que nós chamamos hoje de “o suspense”. (Bory, 1966, p.13).

O autor ainda aponta que os cortes diários acarretam duas consequências para a construção do romance-folhetim: a primeira é a quebra da linha de ação, e a segunda refere-se às modificações que o folhetinista deve fazer no tempo, no espaço e no cenário. Ao multiplicar esses elementos da narrativa, o autor pode criar complicações e desfechos variados que agem sobre o campo de presença do enunciatário. Tais complicações aparecem como enigmas cuja resposta é adiada até o capítulo seguinte ou no último capítulo da obra, o que leva o leitor curioso a acompanhar o desenrolar da intriga diariamente.

Para atingirmos nosso objetivo, escolhemos um dos autores mais representativos do *Correio Paulistano*, jornal em que realizamos nossa pesquisa acerca do perfil do leitor de folhetins entre as décadas de 1850 e 1870,

<sup>1</sup> Gostaríamos de ressaltar que tal estratégia não se restringe ao folhetim, já que a encontramos em narrativas policiais, no cinema, nas telenovelas, entre outros.

<sup>2</sup> Ernest de Capendu publicou no *Correio Paulistano* as seguintes obras: “Palácio de Niorres” (20/12/1866 a 15/09/1867), “O rei dos gageiros” (15/11/1867 a 12/08/1868), “O tambor da 32ª e meia brigada” (11/08/1871 a 11/09/1872) e “O estudante de Salamanca” (01/05/1877 a 01/08/1877).

acreditando que a presença de mais de uma obra<sup>2</sup> desse escritor sugira uma recepção positiva entre os leitores da época. Faremos uma análise dos capítulos iniciais de *O estudante de Salamanca* para levantarmos as estratégias utilizadas não só por esse escritor, mas que, pelas leituras de outros folhetins publicados no mesmo jornal, acreditamos ser uma prática comum entre seus pares.

## 1. *O estudante de Salamanca*: uma reflexão sobre as estratégias de manutenção da leitura

Antes de passarmos à análise, salientamos que faremos uma leitura linear desses capítulos, a fim de vivenciarmos uma prática de leitura muito comum na época, a leitura segmentada dos textos em que o leitor fica subordinado à temporalidade e ao ritmo impostos pelo escritor ou editor do jornal. Vimos que a técnica dos cortes diários alimentava-se principalmente do suspense que consiste exatamente no adiamento ou na parada momentânea da ação em seu momento crucial a fim de criar no leitor uma expectativa pelos acontecimentos que virão a seguir. Assim, o vazio deixado por essa interrupção da narrativa age sobre o campo de presença do sujeito que lê a ponto de deixá-lo impaciente pela busca de respostas que preencham essa lacuna, o que poderia ser feito já na publicação seguinte ou postergada para capítulos posteriores. Vejamos como essa estratégia é utilizada pelo enunciador de *O estudante de Salamanca*.

Intitulado “Estalagem del Coscon”, o primeiro episódio, assim como acontece na maioria das histórias publicadas nos rodapés dos jornais oitocentistas, inicia-se com uma descrição minuciosa do ambiente em que se passará a história. O enunciador escolhe apresentar primeiro o vilarejo de Pamplona, um local rodeado de montanhas e banhado por rios. Esse local era extremamente pacato até o dia 16 de outubro, no momento em que se noticiam a prisão de três chefes carlistas e o mandado de execução desses indivíduos no dia seguinte. O acontecimento, embora cause agitação em toda a vila, atinge um bairro específico, o de Rochapés, local em que está situada a estalagem que dá nome ao capítulo e que em sua descrição detalhada esclarece-se e que abrigava mendigos de toda categoria e indivíduos de má reputação. Trata-se, portanto, de um local suspeito e sombrio. O episódio termina com o relato da surpresa com que todos os hóspedes foram pegos quando em meio aos comentários sobre o ocorrido escutam um berro em frente à porta da taberna.

A forma inusitada como a personagem adentra a narrativa surpreende não só os atores do enunciado,

os hóspedes, onde também o leitor. Nesse tempo, em que a ação iria se efetivar, a narrativa é interrompida, deixando um vazio no texto que desperta diversas questões naquele que a acompanha, gerando perguntas como: quem é essa personagem? O que faz em um local aparentemente suspeito, como a *Estalagem del Coscon*? As respostas às perguntas suscitadas pela interrupção da narrativa em momentos de descrição aos quais se considera mais decisivos provavelmente seriam dadas no capítulo seguinte, na próxima publicação do jornal.

Enquanto isso, as imagens do local, as pessoas que lá viviam e a agitação incomum habitam o imaginário do leitor, fazendo-o criar possíveis desfechos para aquela chegada incomum que poderiam ser confirmados ou não por aquele que comanda a narrativa.

No dia seguinte, como era de se esperar, o segundo capítulo, denominado “A taberna”, começa com uma descrição física minuciosa do sujeito que, pela forma abrupta e impactante de seu aparecimento, provocou o silêncio geral na estalagem. Esse sujeito impressiona não apenas por sua primeira atitude, mas também por sua constituição física, conforme observamos em:

O desembaraço e a agilidade de seus membros denotavam grande força muscular, os ombros quadrados e o peito largo indicavam uma constituição vigorosa.

O pescoço comprido, em boa disposição para o barço, sustinha uma cabeça de expressão exquisita.

Effectivamente, quem examinasse aquela cabeça que mais pertencia à uma espécie dos pássaros de preza do que ao gênero homem.

Olhos redondos amarelos como os dos mochos, sobrancelhas muito arqueadas, um nariz recurvado, assemelhando-se ao de um abutre, uma boca enorme, um queixo curto e pouco pronunciado, testa pequena e ponteguda, formavam um conjunto singular que impressionava à primeira vista. (Correio Paulistano, 2 de maio de 1877, p. 1).

Essa comparação reiterada da personagem com aves de rapina - o olhar de mocho e o nariz de um abutre - cria na mente do leitor a imagem de um sujeito astuto e no qual não se deve confiar. Além disso, ele está inserido em um local que, conforme vimos, abriga pessoas de má reputação. Isso se reitera quando Mochuello, como era chamado, na tentativa de recrutar soldados para defender os prisioneiros, é indagado sobre quem pagaria o grupo que se dispusesse a lutar por essa causa. Ele responde que o pagamento seria feito por Carlos V, o grande interessado pela recuperação de seus fiéis soldados, e coloca-se como o responsável

pelo cumprimento desse acordo. Ao assumir tal função, Mochuello também desperta dúvida nos demais, conforme observamos na seguinte descrição: “parecia, porém, que a honrada companhia tinha uma confiança assáz limitada na garantia oferecida pelo orador, porque um eloquente silencio foi a única resposta ao eu muito solemne de Mochuello.” (Correio Paulistano, 02 de maio de 1877, p.02).

A construção dessa figura, na qual não se deve confiar, constitui-se gradativamente ao longo da narrativa – pela descrição de sua aparência, pelo lugar por onde circula e pelo julgamento de alguns hóspedes. Além disso, o enunciador não apresenta um veredito final sobre a índole desse sujeito. Muito antes o contrário, uma vez que ele prolonga esse mistério, o que é corroborado com a incitação do interesse/curiosidade do leitor pela narrativa. Vejamos que o enunciador, em vez de apresentar os motivos que levaram os demais a suspeitar de Mochuello, realça ainda mais a dúvida do leitor ao comentar: “este [Mochuello], ou fosse por generosidade natural, ou porque fizesse justiça a si mesmo, não se perturbou nem se encolerizou com o insulto colectivo que lhe atiravam às faces” (Correio Paulistano, 02 de maio de 1877, p.02).

A curiosidade permeia esse início da narrativa, principalmente em torno da figura de Mochuello. De acordo Todorov (1971, *apud* Baroni, 2004), em sua tipologia do romance policial, há duas formas de narrar que despertam o interesse do leitor:

A primeira pode ser chamada de curiosidade: sua trajetória vai do efeito à causa: a partir de certo efeito (um cadáver ou alguns índices) torna-se necessário encontrar a causa (o culpado e o que o levou ao crime). A segunda forma é o suspense que vai da causa ao efeito: ele nos mostra primeiro as causas, os feitos iniciais (os gângsteres que tramam alguma maldade) e nosso interesse apoia-se na expectativa do que vai acontecer, quer dizer nos efeitos (cadáveres, crimes, confrontos). (p. 60, *apud* Baroni, 2004 – tradução nossa).<sup>3</sup>

A revelação da identidade de Mochuello é postergada mais uma vez quando o enunciador deixa em suspenso esse fio da narrativa para contar a chegada de novas personagens na estalagem, os estudantes assim apresentados:

[...] uma mistura de gritos, de cantos e de gargalhadas vozes alegres juntava-se ao soar metalico e roufenho do pandeiro, e o estrepito vivo e alegre das castanholas.

<sup>3</sup> La première peut être appelée la *curiosité* ; sa marche va de l'effet à la cause : à partir d'un certain effet (un cadavre et certains indices) il faut trouver sa cause (le coupable et ce qui l'a poussé au crime). La deuxième forme est le *suspense* et on va ici de la cause à l'effet : on nous montre d'abord les causes, les données initiales (des gangsters qui préparent de mauvais coups) et notre intérêt est soutenu par l'attente de ce qui va arriver, c'est-à-dire des effets (cadavres, crimes, accrochages). (Todorov, 1971, p. 60)

A bulha aproximou-se com rapidez: a porta da taberna abriu-se com estrondo e apareceu no limiar um grupo digno de pincel de Ribeira.

Quatro homens, quatro cabeças magníficas, quatro typos belos, mas dessa beleza hespanhola que participa muito visivelmente do caracter árabe, se mostraram, parecendo estar como que enquadrados nas ombreiras e tectos negros da porta, destacando-se no fundo escuro da rua, e admiravelmente iluminados pelas luzes dos candieiros fumosos da sala.

Estes homens eram todos de estatura elevada e cada um deles estava enrolado em uma comprida capa escura.

Pareciam os frades ou monges de Zurbaran apeados de sua moldura dourada.

Um rápido exame, porém, demonstrava muito evidentemente que nenhum dos recémchegados tinha direito ao título.

E, com efeito, um deles tinha na mão uns ferrinhos, dois dos outros tocavam castanholas e o ultimo levantava acima da cabeça um pandeiro ornado de fitas e laços.

— Os estudantes! Exclamou uma voz que partia da taberna. Entrae, cavalheiros, e sêde bem vindos!

Os quatro homens eram effectivamente estudantes em viagem. (Correio Paulistano, 2 de maio de 1877, p. 1).

A aparição dos estudantes permite a inserção de novas histórias, elemento fundamental, como vimos, para a manutenção do folhetim por mais tempo no jornal. Fato semelhante ocorre com os vários núcleos da telenovela, em que o autor, de acordo com sua vontade e imaginação, pode criar várias histórias, com vários suspenses e segredos a serem desvelados e que têm por objetivo prender o leitor à trama. Vale sublinhar que essas histórias variadas não ocorrem de forma isolada, pois é preciso a astúcia do enunciador para fazer uma ligação entre elas e, assim, dar unidade à trama. Assim, a aparição dos estudante de forma festiva na estalagem promete novos acontecimentos, mas deixa em suspenso a figura de Mochuello, principalmente no que diz respeito a sua índole.

O terceiro capítulo é iniciado com um comentário acerca de um costume considerado muito comum na Espanha e na Alemanha, as peregrinações dos jovens

estudantes. O enunciador retoma a aparição dos estudantes do capítulo anterior, fazendo uma ligação entre capítulos com esse comentário. A partir daí, conta-se como esses sujeitos são recebidos pelos hóspedes da *Estalegem del Coscon*, com bebidas e comidas. Em troca, os estudantes oferecem uma grande festa, com direito à música e dança, a todos os presentes. Trata-se de um capítulo que difere dos demais por não explorar nenhum tipo de intriga, há apenas a narração da comemoração. Enquanto isso, o enunciador adia possíveis respostas às perguntas levantadas nos capítulos precedentes.

O clima descontraído, com que inicia e termina o terceiro capítulo, começa a se modificar no quarto, intitulado “Fernando”. Após as apresentações, todos se reúnem para cear e Mochuello começa uma longa conversa com o estudante Fernando. Essa conversa, conforme veremos na transcrição que segue<sup>4</sup>, começa em tom ameno:

— Permitta-me, disse Mochuello avançando e collocando-se em frente de Fernando, permitta-me! Antes de tocar nos vossos copos, - cavalheiro, desejava saber quaes são vossas opiniões políticas.

— As minhas opiniões políticas? volveu Fernando a rir.

— Certamente, continuou Mochuello sem perder sua imperturbável serenidade. Desejava que me dissésseis se sois liberal ou absolutista; se sois partidário da *innocente Izabel* como lhe chamam os seus adeptos, se de sua *Magestade Carlos V* conforme tratam os seus amigos a D. Carlos.

— Em primeiro lugar e antes de tudo sou partidário só de minha pessoa.

— D’acordo; mas ainda que approve esse pensar, o cavalheiro deve ter princípios. . .

— Os meus principios, interrompeu o estudante, são comer bem e divertir-me, e a respeito de opiniões políticas não tenho outras que não sejam beber com os amigos e gozar com as raparigas! Detesto e aborreço atormentadores cuidados e tolas paixões! Viva o prazer e o amor! Não é assim, minha Pepita? E Fernando, bebendo rapidamente o contheudo do copo da mão direita, passou o braço esquerdo á roda da cintura da sua formosa vizinha, estreitou-a contra o peito muito carinhosamente, e depoz-lhe um beijo nos olhos bellos.

Neste professor de fé, em que a prática ia após a theoria, os estudantes e o auditório

acharam graça, riram e applaudiram muito. (Correio Paulistano, 4 de maio de 1877, p. 1).

Quando Mochuello pede seriedade nas respostas de Fernando, o tom muda radicalmente, causando as seguintes reações:

— Ide pro demônio, amigo! Já vos disse que não tenho opiniões políticas! Volveu o estudante impacientado. Deixae-me então em paz e podeis-vos enforçar pela innocente Izabel ou por Carlos V.

— Caramba! Bradou Mochuello, pegando com gesto terrível na faca que tinha á cintura. Tereis intenção de me insultar!

Num abrir e fechar d’olhos Fernando levantou-se, enrolou a capa no braço esquerdo, e poz-se em grande guarda com a faca na mão direita.

— Dêm lugar aos duellistas! Disse empurrando com o pé um banco que estava entre elle e seu adversário.

Estas espécies de duelos, tão frequentes em Hespanha, estão por fôrma tal inveterados nos costumes daquella gente, que ninguém cuidou em oppôr-se àquelle que, segundo todas as probabilidades, ia ensanguntar a taberna del Coscon.

Fernando, com o corpo meio curvado, a capa á altura dos hombros, segurando na faca com mão firme prompto para o ataque e resolvido a agredir, offerecia o aspecto dos antigos gladiadores.

Mochuello envolveu-o num olhar de experimentado conhecedor e sorriu de satisfeito.

— Boa guarda! Bella táctica! Murmurou elle. E disse para consigo:

— Jovem, sympathico, valente, atrevido, que recruta!

Depois, ou fosse resultado de alguma reflexão que lhe acudisse subitamente, ou fosse intimidação causada pela energia e provocante attitude do mancebo, meteu a faca na bainha, pegou a um copo cheio e, voltando-se para o seu intrepido interlocutor [. . .] (Correio Paulistano, 4 de maio de 1877, p. 1).

Enquanto Fernando irrita-se com a insistência do soldado, esse fica indignado com a posição do estudante, criando uma grande tensão na narrativa. As emoções são levadas ao mais alto grau, a ponto de levarem as personagens a se prepararem para um duelo. Pelo andamento da narrativa, levados pela lógica implicativa – se os homens estavam se exaltando e

<sup>4</sup> Escolhemos transcrever esse longo trecho para mostrar como o enunciador constrói essa gradação de tensão entre as personagens.

os duelos são comuns naquela região, então o leitor também se prepara para ver diante dos seus olhos a briga entre o soldado mendigo e o estudante. No entanto, isso não acontece, conforme verificamos em:

— Viva a mocidade! exclamou elle levando o copo aos lábios. Gosto desses arrojos que revelam a audacia e a firmeza do coração! Senhor estudante, tudo isto não foi nada mais do que uma brincadeira. Desejava saber se ereis tão valente de navalha em punho como de pandeiro na mão. Acabei de convencermes e sejam quaes forem as vossas opiniões políticas, bebe á vossa saúde e prosperidade.

— Muito bem, senhor soldado! Respondeu Fernando retornando á mesa o lugar que tinha abandonado para se pôr em guarda. . . (Correio Paulistano, 4 de maio de 1877, p. 1).

Essa mudança de rumos da narrativa deixa o leitor espantado, atônito, surpreso, já que em seu campo de presença aparece algo que não era esperado e que irrompe de forma abrupta. Do ponto de vista da semiótica tensiva, nesse momento, o eixo da intensidade se eleva, enquanto o da extensividade diminui, praticamente anulando momentaneamente seu grau de inteligibilidade.

Esperava-se que algo fosse dito sobre a atitude dos dois, mas isso não acontece, pois ambos retomam a conversa. Esse acontecimento então fica latente na cabeça do leitor que paulatinamente tentará criar possíveis hipóteses para a conduta inesperada das personagens. Vale ressaltar que, embora o leitor construa suas hipóteses ao longo da narrativa, elas só poderão ser confirmadas ou não pelo enunciador, aquele que assume a responsabilidade de costurar esses fios deixados soltos ao longo da história e isso acontecerá no momento em que ele achar conveniente.

Esse jogo de revelação ou ocultação de segredos e mistérios conduzido pelo ritmo imposto pela leitura dos folhetins faz com que o leitor acompanhe cotidianamente cada capítulo a fim de desvendar os enigmas que cercam toda a narrativa. Vale ressaltar que, como o folhetim é composto por várias narrativas, compostas por novas personagens, por novas intrigas, haverá sempre um acontecimento que aprisionará o leitor à trama cada vez mais cheia de fendas a preencher, não permitindo que a intensidade decresça por completo.

É o que acontece ao longo dessa narrativa que analisamos, quando uma nova surpresa atinge Fernando, alguns hóspedes da estalagem e o próprio leitor. Mochuello, ainda indignado, retoma a conversa com o estudante perguntando se ele realmente tinha sangue espanhol em suas veias. Fernando, por sua vez, responde em tom de brincadeira que isso só poderia ser respondido por seu pai. Nesse mesmo momento, todos

ficam chocados com uma nova figura que adentra a estalagem e logo toma parte da conversa, dizendo: “então será necessário que lh’o pergunteis esta noite, porque amanhã vosso pae estará morto, sr. Fernando! Disse uma voz severa la da porta da entrada da taberna. (Correio Paulistano, 4 de maio de 1877, p.01).

Há uma reativação do campo de presença do sujeito do enunciado e da enunciação, causada pela alta carga de intensidade com que a notícia adentra o campo de presença dos hóspedes, de Fernando e do leitor. Esse impacto deixa todos os sujeitos atônitos, sem reação, conforme observamos na descrição que inicia o capítulo cinco, “O desconhecido”:

Os próprios bebedores estavam de tal maneira absortos pelo que ouviram, que nenhum delles tinha reparado no recémchegado.

À vista deste, Mochuello deu um grito de satisfação e homem de preto e o soldado trocaram um olhar de inteligência, enquanto que Fernando, sempre de pé com a mão apoiada na mesa, parecia como que assombrado com a terrível notícia que tinha recebido. (Correio Paulistano, 5 de maio de 1877, p. 1).

As personagens absortas, distantes do ambiente a ponto de não reconhecerem o recém-chegado, descreve como o impacto da notícia transtornou esses sujeitos. Quanto a Fernando, vemos a mesma falta de atitude, pois fica de pé com a mão apoiada na mesa vendo-se assombrado pela notícia. Os sujeitos surpreendidos deixam de agir e por uns instantes apenas sofrem. Quando o estudante recobre seus sentidos, depois que o estranho conta que seu pai era um dos prisioneiros carlistas, ele, em tom apaixonado – com expressão de angústia no seu grito e a admirável energia do tom de súplica – conclama os demais a defenderem seu pai:

— Bravos habitantes de Navarra, exclamou com voz estrondosa, acabaes de ouvir o que diz esse homem? Mendigos e estudantes sempre se prestaram reciprocamente auxilio e socorro. Quando a sua bolsa está cheia e alegre o seu coração, o estudante tem sempre para o mendigo um real e uma canção: hoje o estudante tem a necessidade dos vossos corações e das vossas facas, hoje um filho vem pedir-vos que ajudeis a salvar o seu pae! Mendigos! meus bons companheiros, cruzareis os braços sobre o peito, deixarei nos cintos a faca? (Correio Paulistano, 5 de maio de 1877, p. 1).

Todos aceitam participar do salvamento, o que satisfaz Mochuello e o soldado misterioso. No entanto, parece, pela cena abaixo transcrita, que há mais um mistério que ronda a figura de Mochuello e do novo soldado:

O desconhecido contemplava esta scena com modos de satisfeito. Mochuello inclinou-se para elle.

— A cousa caminha bem! Lhe segredou ao ouvido

— Bom, Agora sabes o que tens a fazer?

— Sei. Vou prevenir o coronel de que estamos prontos a marchar.

— Muito bem!

E, a um signal do desconhecido, Mochuello sahiu da taberna, enquanto os mendigos ro-deavam os estudantes e faziam um tumulto horrível. (Correio Paulistano, 5 de maio de 1877, p. 1).

Tudo indica que eles estavam esperando por esse momento, mas isso não é confirmado. Todos esses mistérios e suspenses fazem com que o enunciador mantenha a intensidade no campo de presença do leitor que, por não terem sido resolvidos logo após o momento do impacto, voltarão de tempos em tempos a perturbá-lo. O acontecimento permanecerá atacando a trama, a sequência do discurso, e, conseqüentemente, o indivíduo que o lê, o que corrobora a ligação desse último com o texto. A cada novo acontecimento que surge, há uma nova reativação do campo de presença do sujeito leitor, mantendo a intensidade alta. Trata-se, portanto, de uma narrativa que dá destaque à lógica concessiva que surpreende, impacta; enfim, deixa o leitor perplexo diante dos eventos narrados, o que o faz refém dessa organização narrativa, conforme salienta Meyer (1996, p. 224):

O folhetim ficcional inventando fatias de vida servidas em fatias de jornal, ou os *fait divers* dramatizados e narrados como ficção, ilustrados ambos com essas gravuras de grande impacto, ofereciam às classes populares o que desde os tempos da oralidade e das folhas volantes as deleitava: mortes, desgraças, catástrofes, sofrimentos e notícias – tais como nossos folhetos de época nordestinos as continuam narrando – reatualizados nos termos da modernidade industrial e urbana. Ou seja, como diz Walter Benjamin, “injetar veneno de sensação à experiência vivida, quase por via endovenosa”.

## 2. Considerações finais

Embora o texto folhetinesco seja muitas vezes previsível, com finais já esperados e aprovados pelo público leitor – recompensa dos bons e punição dos maus – vimos que a vivacidade desse tipo de texto está atrelada ao modo como o relato dos fatos é conduzido pelo enunciador. Assim, entre o fazer-saber e um fazer-criar

presentes na construção do texto existe também a dimensão do fazer-sentir, que pode ser considerada tão fundamental como os demais para manter a fidelidade do leitor à narrativa publicada de forma seriada.

Esse fazer-sentir pode se configurar em diversas técnicas utilizadas pelo enunciador. Destacamos ao longo deste artigo que, nos capítulos iniciais do folhetim *O estudante de Salamanca*, o enunciador organiza sua narrativa com vistas à manutenção da curiosidade do leitor, seja pela inserção de novas personagens ao final do capítulo, seja pelo adiamento da revelação de um segredo. Tais elementos fazem com que o leitor sinta essas oscilações tensivas da narrativa e, como consequência, levam-no a experimentar uma ansiedade quanto ao próximo número publicado e, principalmente, quanto ao desenrolar daquela narrativa sinusoidal, caracterizada pelo fluxo alternado de tensão e distensão, nova tensão, nova distensão etc.

Ao escolher essas estratégias, o enunciador aproxima sua narrativa do conceito de acontecimento proposto por Zilberberg (2007, 2011), como algo que não é esperado pelo sujeito, mas que adentra seu campo de presença de forma abrupta e tônica, deixando-o perplexo. Esse acontecimento pode permanecer na memória do leitor até a leitura do próximo número em que o desfecho lhe é apresentado ou pode se manter ao longo da narrativa, quando o enunciador opta por esconder algumas informações do leitor, o que mantém o ocorrido na sua memória.

Como a narrativa dos romances-folhetins tem sempre um núcleo central, que poderíamos considerar como o acontecimento motivador, ao qual estão atrelados outros núcleos menores, com novas personagens, novos espaços e tempos, o enunciador pode usar essa característica da narrativa a seu favor, no sentido de manter seu texto por mais tempo nos jornais. Ele, de acordo com sua criatividade, poderia criar múltiplas intrigas, suspenses e surpresas, mantendo assim o interesse de seus leitores. Dessa forma, o estilo concessivo de narrar foi empregado com frequência pelos autores dos folhetins e pelos editores dos jornais na construção desse gênero e na conservação e manutenção de um dado público leitor da época. ●

## Referências

Baroni, Raphaël

2004. Tension narrative, curiosité et suspense: les deux niveaux de la séquence narrative. Disponível em: <http://www.vox-poetica.org/t/lna/baronilna.html>. Acesso em 14/12/2014.

Bory, Jean-Louis

1996. Premiers éléments pour une esthétique du roman-feuilleton. In: Bory, Jean-Louis. *Tout feu, tout flamme*. Paris, Julliard.



Lyons, Martyn

1999. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: Cavallo, Guglielmo; Chartier, Roger (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. Trad. Cláudia Cavalcanti, Fúlvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado, José Antonio de Macedo Soares. v. 2. São Paulo: Ática, Pp. 165-202.

Ribeiro, José Alcides

1996. *Imprensa e ficção no século XIX: Edgar Allan*

*Poe e a narrativa de Arthur Gordon Pym*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.

Zilberberg, Claude

2007. Louvando o acontecimento. *Revista Galáxia*, n.13, Pp. 13-28.

Zilberberg, Claude

2011. *Elementos de semiótica tensiva*. Tradução de I. C. Lopes, L. Tatit e W. Bevidas. São Paulo: Ateliê Editorial.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

---

Garcia, Débora Cristina Ferreira

Routine and event - a reading of *O estudante de Salamanca*

*Estudos Semióticos*, vol. 11, n. 2 (2015)

ISSN 1980-4016

---

**Abstract:** *Observing the event, the semiotics theory permitted investigate the narrative as a process that affects both the subject of the utterance as the subject of the enunciation of the sensitive point of view, making it a useful tool for the reflection like we will do in this article. Our intention is to see how the feuilletons were produced to act on readers of the nineteenth century, more specifically on the Correio Paulistano readers. Many researchers of feuilletons describe several common procedures in the production of this type of text. Those procedures could explain the high rate of the feuilletons' acceptance among the public for which they were intended. Based on the concepts developed by the tensive semiotics, more specifically about the event and the routine, we will make an analysis of the first chapters of O estudante de Salamanca, a feuilleton published in the abovementioned newspaper, in 1877, in order to reflect about the importance of the way of telling the history, that is as or even more important than that the own story. We will see that narratives resources that produced the surprise and suspense could have impact on the readers, keeping them attached to the narrative for weeks, months and even years. Thus, the enunciator should organize very well the game of revelation and concealment of information to guarantee his readers' fidelity.*

**Keywords:** *Tensive semiotics, routine, event, feuilleton*

---

### Como citar este artigo

Garcia, Débora Cristina Ferreira. Entre exercício e acontecimento - uma leitura do folhetim *O estudante de Salamanca*. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: { <http://revistas.usp.br/esse> }. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva. Volume 11, Número 2, São Paulo, Dezembro de 2015, p. 47-55. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 28/02/2015

Data de sua aprovação: 30/10/2015

---